

Vivências em sala de aula na Educação Especial: desafios, possibilidades e a importância da formação continuada para a inclusão

Raquel Borges Sávio

Ana Carolina Macalli

RESUMO

Este trabalho apresenta uma experiência pedagógica vivenciada na função de Auxiliar de Classe na Educação Especial, com foco na elaboração e aplicação de estratégias didáticas adaptadas para estudantes elegíveis à Educação Especial em uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental II. A pesquisa partiu da seguinte pergunta: como práticas pedagógicas adaptadas, aliadas à formação continuada dos profissionais, contribuem para a inclusão de estudantes da Educação Especial nas aulas regulares? A metodologia consistiu em um relato de experiência com dois estudantes de 12 anos, um com Síndrome de Down e outro com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e comorbidades, acompanhados por uma Auxiliar de Classe em colaboração com a professora de Educação Especial. As intervenções incluíram a utilização de materiais táteis, jogos e simplificação de conteúdo. Os resultados indicam avanços na participação e na aprendizagem dos estudantes, embora persistam obstáculos como a escassez de materiais adaptados e a ausência de formação continuada docente. Conclui-se que o fortalecimento das práticas inclusivas requer, além de estratégias pedagógicas específicas, investimentos sistemáticos em formação profissional, capazes de sustentar uma escola acessível, democrática e comprometida com a diversidade.

Palavras-chave: Educação Especial; Estratégias Pedagógicas; Formação Continuada.

INTRODUÇÃO

A efetivação do direito à acessibilidade na escola é fruto de um processo histórico que culmina no atual paradigma da inclusão. A educação inclusiva visa à equidade social e educacional, valorizando a diversidade humana (MENDES, 2006). Nesse contexto, a inclusão deve ser compreendida como processo dialógico, no qual sociedade e sujeitos historicamente marginalizados colaboram para a construção de uma cidadania plena.

No Brasil, a inclusão escolar foi reforçada por legislação como a Lei de Diretrizes e

Bases da Educação Nacional (LDB), Lei n. 9.394 (BRASIL, 1996) e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI) (BRASIL, 2008), que garantem o acesso, a participação e a aprendizagem de todos os estudantes no ensino regular.

Contudo, para além do acesso físico à escola, a inclusão demanda práticas pedagógicas acessíveis, sensíveis às necessidades específicas dos alunos. Nesse cenário, surge a seguinte pergunta de pesquisa: Como práticas pedagógicas adaptadas podem favorecer a aprendizagem de estudantes elegíveis à Educação Especial?

Diante disso, este trabalho tem como objetivo relatar uma experiência pedagógica de apoio educacional especializado em sala de aula regular, com foco na adaptação de materiais e estratégias didáticas para dois estudantes elegíveis à Educação Especial, durante as aulas regulares no 6º ano do Ensino Fundamental II.

METODOLOGIA

O relato fundamenta-se em uma experiência desenvolvida entre março e maio de 2025 em uma escola da rede privada de Araraquara-SP. A ação pedagógica foi conduzida por uma Auxiliar de Classe em Educação Especial, atuando em colaboração com uma professora especialista em Educação Especial e os demais docentes.

Os sujeitos atendidos foram dois estudantes de 12 anos, em processo de alfabetização: um com Síndrome de Down e outro com Transtorno do Espectro Autista (TEA), associado com comorbidades Transtorno Opositor Desafiador (TOD) e Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC). O acompanhamento ocorreu durante todas as aulas da semana, incluindo Ciências da Natureza.

As estratégias utilizadas seguiram os princípios da pedagogia histórico-cultural (VYGOTSKY, 2007), com ênfase na mediação simbólica. Foram aplicadas adaptações curriculares como simplificação de textos, uso de imagens, recursos sensoriais e atividades lúdicas. O foco principal era promover a compreensão de conteúdos científicos por meio de metodologias ativas e materiais acessíveis.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A intervenção pedagógica possibilitou a participação dos estudantes nas aulas, com progressos perceptíveis na compreensão dos conteúdos. O uso de recursos concretos e visuais facilitou o desenvolvimento cognitivo, o engajamento e a autonomia dos alunos, conforme

indica Flavell et al. (1999).

Entretanto, o processo relevou desafios estruturais: i. ausência de materiais acessíveis previamente preparados pelos docentes; ii. sobrecarga da equipe pedagógica; e iii. barreiras atitudinais relacionais à escassez de formação continuada. Muitos professores expressam insegurança para atuar com estudantes da Educação Especial, o que evidencia uma lacuna na formação inicial e a necessidade de programas formativos permanentes e contextualizados (STAIMBACH, 2017).

Conforme destaca Carvalho (2004), as dificuldades na inclusão escolar não se limitam a recursos físicos, mas abrangem aspectos culturais e profissionais. A formação continuada, nesse sentido, deve promover a ressignificação das práticas pedagógicas e o fortalecimento de uma cultura inclusiva.

CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA

A experiência revelou o potencial transformador de práticas pedagógicas adaptadas no ensino de Ciências da Natureza. A utilização de recursos visuais e táteis permite transpor barreiras cognitivas, facilitando o entendimento de conceitos.

O ensino de Ciências, quando aliado a metodologias acessíveis, pode promover não apenas a aprendizagem de conteúdos, mas também o desenvolvimento da autonomia, do pensamento crítico e da inclusão plena desses sujeitos. Assim, evidencia-se a importância de uma abordagem didática flexível, sensível à diversidade e fundamentada em princípios científicos e pedagógicos integrados.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 21 mar. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília: MEC, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2025.

CARVALHO, R. E. *Educação inclusiva: com os pingos nos “is”*. Porto Alegre: Mediação, 2004.

FLAVELL, J. H., Miller, P. H., & Miller, S. A. *Desenvolvimento cognitivo*. Porto Alegre: Artes Méd, 1999.

MANTOAN, M. T. E. *Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?* São Paulo: Moderna, 2015.

MENDES, E. G. A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, n. 33 st./dez. p. 20, 2006. Disponível em: 387 548_artigos.pmd (scielo.br) . Acesso em: 13 maio 2025.

SASSAKI, R. K. *Inclusão: construindo uma sociedade para todos.* Rio de Janeiro: WVA, 2006.

STAIMBACH, E. M. *O profissional de apoio na escola inclusiva.* São Paulo: Appris, 2017.

VYGOTSKY, L. S. *A informação social da mente.* 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.